

série

TRILHAS

Marcos Cripa
(Orientador e Organizador)



**ENTREVISTA
E ÉTICA**
UMA INTRODUÇÃO

educ

Marcos Cripa
Orientador e Organizador

ENTREVISTA E ÉTICA

UMA INTRODUÇÃO

A entrevista no jornalismo

educ

1998

a
arquesi

ardete A.
o, Maria do
Onésimo de
eli Cristina

Catálogo na Fonte - Biblioteca Central/PUC-SP

Entrevista e ética: uma introdução: a entrevista no jornalismo
/ orientação Marcos Cripa. - São Paulo : EDUC, 1998.
128p. ; 18 cm. - (Trilhas)

ISBN 85-283-0126-5

1. Entrevistas (Jornalismo). 2. Jornalistas brasileiros.
3. Ética jornalística. I. Cripa, Marcos.

CDD 070.43

070.9281

179.9097

Série Trilhas. Dirigida por
Maria Eliza Mazzilli Pereira

educ

Direção

Maria do Carmo Guedes

Produção Editorial

Maria Eliza Mazzilli Pereira

Preparação e Revisão

Sonia Montone

Editoração Eletrônica

Elaine Cristine Fernandes da Silva

Capa

Projeto: *Ângela Mendes*

Realização: *Waldir Antonio Alves*

Rua Monte Alegre, 984

05014-001 - São Paulo - SP

Telefax: (011) 3873-3359

APRESENTAÇÃO

A entrevista, matéria-prima básica do jornalismo, é em sua essência o movimento de *querer saber*. Os melhores entrevistadores são, sob essa ótica, aqueles que têm maior curiosidade, interesse e coragem de disparar perguntas. “No final dos anos 60 e início de 70, o semanário *O Pasquim* revolucionou a linguagem do jornalismo brasileiro, instituindo uma oralidade que ia além da mera transferência da linguagem coloquial para a escrita do jornal”¹. São antológicas as entrevistas com o jornalista e colunista Ibrahim Sued (a primeira entrevista d’*O Pasquim*) e com a atriz Leila Diniz.

Nos anos 90, no entanto, esse conceito parece estar mudando, e a entrevista passou a ser praticada como *arte*, na medida em que o entrevistador procura ter mais sensibilidade para conduzi-la e se prepara melhor para a sua execução. A troca de idéias e de informações, o diálogo propriamente dito – uma herança dos gregos Platão, Sócrates e Aristóteles –,

1 Kucinski, Bernardo. *Jornalistas e revolucionários*. São Paulo, Scritta, 1991.

ganhou, de parte da contemporaneidade jornalística, contornos modernos que procuram adequar a entrevista às novas mídias. Apesar de usar a mesma base técnica, uma entrevista para o rádio é diferente da entrevista do jornal, assim como a da revista é completamente diferente da praticada para a televisão.

Entrevista e ética é resultado do *querer saber* demonstrado pelos alunos da disciplina optativa “A Arte da Entrevista”, ministrada no curso de Jornalismo da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo no segundo semestre de 1996. Passada a fase de discussões teóricas, a proposta foi identificar e analisar os principais programas e veículos que destinam espaços a grandes entrevistas. Num seminário de três aulas, foram retratados os principais aspectos que envolvem a produção de entrevistas em publicações como *Veja*, *Playboy*, *Folha de S. Paulo* e *IstoÉ*, em emissoras de televisão como *Globo* e *Bandeirantes* e na rádio *CBN* (Central Brasileira de Notícias).

A realização desse seminário aguçou a curiosidade dos alunos. Eles queriam saber mais. Optamos, naquele momento, por discutir com doze conceituados jornalistas a existência ou não de *arte* na realização de uma entrevista. E mais, propusemo-nos a realizar essa “pesquisa” em forma de entrevista *ping-pong* – pergunta e resposta – levando em consideração as questões éticas que envolvem a realiza-

ção dessa tarefa tão elementar e comum no dia-a-dia do jornalista.

O resultado do trabalho surpreendeu, tal a profundidade da análise emitida pelos entrevistados. Uma demonstração clara da polêmica que envolve as questões éticas do jornalismo brasileiro e a curiosidade, o interesse e o destemor dos alunos – hoje profissionais formados – em provocar, com suas perguntas, os jornalistas Armando Nogueira, Gilberto Nascimento, Alberto Dines, Sérgio Buarque de Gusmão, Juca Kfourri, Luís Nassif, Ricardo Kotscho, Chico Pinheiro, Boris Casoy, Heródoto Barbeiro, Maria Lydia e Miguel Dias.

Esta coletânea de opiniões muitas vezes antagônicas mostra os caminhos para a realização de uma boa entrevista, indica como deve ser o relacionamento do entrevistador com as fontes e aponta os cuidados e técnicas que devem ser colocados em prática pelo profissional de jornalismo. Vários são os estilos de entrevistas. Num determinado momento é preciso deixar o entrevistado à vontade e ganhar a sua confiança; noutro é preciso ser firme, sem agredi-lo. Segundo Armando Nogueira, a entrevista é um gênero muito difícil, um verdadeiro duelo no qual o repórter não pode agredir o entrevistado. “Entrevista não é linchamento”. Ainda é de Armando Nogueira a afirmação de que o jornalista, em qual-

quer circunstância, tem de ser altivo sem ser arrogante, tem de ser humilde sem ser medroso.

O material ora publicado é de significativa importância para os estudantes de jornalismo, professores da área de comunicação e todos que acompanham de forma crítica o desenvolvimento da imprensa no país. Os jornalistas entrevistados neste livro são unânimes em afirmar que a ética na relação com a fonte é fator fundamental para se conseguir uma boa entrevista. Marcar uma entrevista sobre um assunto e perguntar sobre outro é, no mínimo, desonesto. Embutir uma opinião na pergunta também não é recomendável. É preferível questionar de forma direta, sem segundas intenções. Ir para uma entrevista com conceito prévio também não contribui em nada – o entrevistado percebe, fecha-se, e não fornece as informações que o jornalista deseja.

Como se pode perceber, a entrevista requer cuidados éticos e técnicos que nem sempre estão presentes no dia-a-dia da imprensa brasileira. A *arte* é não ter um modelo, mesmo pesquisando sobre o entrevistado antecipadamente ou planejando o trabalho. Cada entrevista requer um tratamento específico. Cada diálogo é diferente do outro.

Dos doze jornalistas que deram entrevista para o trabalho acadêmico original, apenas Chico Pinheiro (TV Globo), entrevistado por Christian Carvalho – hoje repórter da revista *Placar* – não autorizou sua

publicação em livro. Para Chico Pinheiro, passado um ano e meio da realização da entrevista, o jornalismo televisivo sofreu mudanças fundamentais a ponto de tornar suas opiniões extemporâneas.

Marcos Cripa

Jornalista e professor da
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

O jornalista Armando Nogueira, 69 anos, não para um minuto com os dedos. São 46 anos de profissão. Reportagem, entrevistas, livros e crônicas. E foi pelas crônicas que esse brasileiro, de Zapara, firmou a sua reputação de jornalista. Hoje a sua coluna "Na Grande Área" é publicada em 36 jornais do país. As suas crônicas temperam as fronteiras do jornalismo e, atualmente, estão incluídas em antologias que reúnem os melhores cronistas brasileiros. Apesar de figurar no tulo de grandes escritores, Armando Nogueira é jornalista. A sua matéria-prima são os fatos. Principalmente os esportivos. Quando Armando Nogueira chegou ao Rio de Janeiro, em 1946, talvez não imaginasse que escreveria crônicas esportivas. Formou-se em Direito. Formou, mas terminou o curso, deixou o estudo terreno da advocacia pela vertigem incômoda das redações. Em 38 iniciou a carreira de jornalista no Diário Carioca. Foi repórter, redator e colunista. Armando deu seus primeiros passos no telejornalismo em 59, na antiga TV Rio. De 66 a 90 foi diretor da Central Globo de Jornalismo da rede de Roberto Marinho, onde dirigiu também o departamento de Esportes. Nos Jogos Olímpicos de Barcelona, em 92, integrou a equipe da Rede Bandeirantes de Televisão. Atualmente é apresentador do programa "Esporte Real", da Globo, onde entrevista grandes personalidades do esporte.

ARMANDO NOGUEIRA

por Alexandre Pinheiro Hasegawa

O jornalista Armando Nogueira, 69 anos, não pára um minuto com os dedos. São 46 anos de profissão. Reportagens, entrevistas, livros e crônicas. E foi pelas crônicas que esse acreano, de Xapuri, firmou a sua reputação de jornalista. Hoje a sua coluna "Na Grande Área" é publicada em 56 jornais do país. As suas crônicas romperam as fronteiras do jornalismo e, atualmente, estão incluídas em antologias que reúnem os melhores cronistas brasileiros. Apesar de figurar ao lado de grandes escritores, Armando Nogueira é jornalista. A sua matéria-prima são os fatos. Principalmente os esportivos. Quando Armando Nogueira chegou ao Rio de Janeiro, em 1944, talvez não imaginasse que escreveria crônicas esportivas. Formou-se em Direito. Porém, mal terminado o curso, trocou o sisudo terreno da advocacia pelo vertiginoso ambiente das redações. Em 50, iniciou a carreira de jornalista no Diário Carioca. Foi repórter, redator e colunista. Armando deu seus primeiros passos no telejornalismo em 59, na antiga TV Rio. De 66 a 90 foi diretor da Central Globo de Jornalismo da rede de Roberto Marinho, onde dirigia também o departamento de Esportes. Nos Jogos Olímpicos de Barcelona, em 92, integrou a equipe da Rede Bandeirantes de Televisão. Atualmente é apresentador do programa "Esporte Real", da Globosat, onde entrevista grandes personalidades do esporte.

Como foi o começo de sua carreira no Jornalismo?

Foi no ano de 1950, quando decidi fazer uma experiência num jornal chamado *Diário Carioca*, no Rio de Janeiro. Esse jornal já desapareceu. Naquela época ninguém precisava de diploma para ser jornalista, e eu entrei por indicação de amigos. Eles pediram para o secretário do jornal e fui admitido.

Lembra-se de quais foram as dificuldades que enfrentou ao fazer as primeiras entrevistas?

Não, mas geralmente você tem dificuldades. Essas dificuldades dependem da natureza da entrevista. Se você vai fazer uma entrevista com uma estrela do esporte, por exemplo, encontrará muito mais facilidade do que se for fazer uma entrevista com um político ou um criminoso conhecido. Há entrevistas em que você é visto como uma pessoa bem-vinda, pois vai "ajudar" o entrevistado a divulgar a sua imagem. Em compensação, há ocasiões em que você vai lá como verdadeiro promotor público, vai fazer perguntas que vão incomodar o entrevistado. Nestes casos, o seu grau de dificuldade é muito maior. Por isso, o repórter precisa ter jogo de cintura para fazer uma entrevista. Nem sempre a pessoa que você vai entrevistar está vivendo uma situação agradável. Por exemplo, se você vai entrevistar um político que está sendo acusado de ter posto a mão no dinheiro público, evidentemente que o tom da entre-

vista é completamente diferente do tom de uma entrevista com um jogador que acabou de fazer o gol da vitória na decisão de um título. E você terá de usar um outro tom, completamente diferente, se for entrevistar uma vedete, uma estrela de televisão, que acabou de escapar da morte por causa de uma cirurgia de lipoaspiração. Enfim, você tem de tomar posições de acordo com a natureza e a dimensão da entrevista.

E, ao longo da sua carreira, quais foram os maiores apertos por que já passou? Algum entrevistado já o desconsertou com uma resposta?

O repórter, eventualmente, quando faz uma entrevista, pode encontrar uma resposta que, em vez de ser uma resposta, é um troco. Não tenho exemplos a dar, tenho teses, tenho teorias e tenho frutos da experiência. Você nunca deve ir para uma entrevista desarmado. Tem que se preparar para respostas que podem te deixar em uma situação embaraçosa. O repórter deve se preparar muito bem para uma entrevista. Tentar conhecer ao máximo o entrevistado. Não falo dessas entrevistas de ruas que são feitas de supetão. Essas são entrevistas feitas em circunstâncias absolutamente adversas para os dois lados. Nessas entrevistas, de ocasião, tudo pode acontecer: o sujeito não te dá uma resposta; você insiste; ele resiste. Mas o importante mesmo em uma entrevista é não perder o “sangue frio”. Porque você está, de certa

maneira, se expondo. Expondo-se num jogo de palavras, e que é extremamente perigoso. Se você não estiver preparado, pode, realmente, cair do galho, ficar desconcertado. A entrevista é um verdadeiro duelo que você trava com o entrevistado. Porém, o repórter tem que colocar na cabeça que, numa entrevista, ele não vai para agredir o entrevistado, e sim para tentar extrair a verdade dele. Por isso, o repórter não deve usar uma linguagem e um tom que intimidem, exacerbem ou provoquem o adversário. Nem com ironias, nem com palavras agressivas e nem com um tom agressivo. Eu costumo dizer que uma entrevista não é um linchamento. O microfone – e muito menos a caneta – não é uma arma de fogo que você põe no peito do entrevistado, pretendendo que ele ponha as mãos ao ar e se renda a você. O sujeito, às vezes, é até inocente. Você tem que ser firme na entrevista. Mas tem que ser, sobretudo, humilde na forma e altivo no conteúdo. O jornalista, em qualquer circunstância, tem que ser altivo sem ser arrogante, tem que ser humilde sem ser medroso.

Como é a preparação de Armando Nogueira para uma entrevista?

Eu não entrevisto uma pessoa sem ter o máximo de informações sobre ela. Contaram-me que foram fazer uma entrevista com o Sérgio Cabral, que é um jornalista do Rio de Janeiro – famoso e um conhecido crítico de música popular – sem saber nada da

vida dele. Ele foi convidado para fazer uma palestra em Belém do Pará e pediram para entrevistá-lo. Era uma moça que se dizia repórter de uma rádio. O Sérgio Cabral estava no hotel e disse para a menina: “olha, você me aguarda aí embaixo que eu desço já, já”. Ele mudou de roupa e desceu. Chegou lá, cumprimentou-a e sentaram os dois num hall, mais ou menos como nós dois aqui. A primeira pergunta que ela fez foi a seguinte: “o seu nome é Sérgio Cabral?”. Ele responde: “é”. Aí a moça emendou: “o senhor faz o quê?”. Bom, como é que um repórter vai fazer uma entrevista e não se prepara sequer no sentido de saber de quem se trata? Por isso, eu sempre procuro basear a minha entrevista no máximo de informações sobre a pessoa e a obra dela. O que ela faz, como ela faz, onde ela faz, há quanto tempo ela faz, por que ela faz. Eu tenho todos esses dados antes de entrevistá-la. Essa pessoa, então, está vivendo uma situação que desperta interesse de todos. Vamos imaginar que seja um engenheiro que esteja assumindo a direção do Departamento Nacional de Estradas de Rodagem. Eu tenho que me informar sobre a situação das rodovias brasileiras, o Departamento de Estradas de Rodagem e o cidadão que eu vou entrevistar. É assim que eu procedo diante de uma entrevista. E esse arsenal de informações vai te dar uma segurança muito grande. O repórter precisa dessa segurança diante do entrevistado. Se o entrevistado perceber que você está senhor do tema e sabe quem é ele, essa pessoa respeitará você muito

mais; e também se deixa entrevistar muito mais. As perguntas do anedotário do jornalismo deixam muito mal o repórter que não se prepara. É aquele sujeito que diante da mãe que acabou de perder a filha pergunta como ela se sente. Não é uma pergunta que se faça a uma senhora que acabou de perder a filha.

Depois da preparação, então, como conduz a entrevista para extrair "a verdade" do entrevistado?

Aí eu acho que não tem uma ciência. Durante a entrevista, o repórter tem que conquistar a confiança do entrevistado. É preciso deixar o entrevistado à vontade. Existe uma técnica que leva muitos entrevistados a uma atitude defensiva. É a técnica da ironia ou da casca de banana. Essa técnica consiste em você fazer perguntas com segundas intenções. Surpreender o entrevistado com uma pergunta para a qual ele não estava preparado e que leva embutida uma opinião ou uma intenção. Isso se chama jogar uma casca de banana. Eu não trabalho assim. Há jornalistas que usam muito desses ardis. E são ardis, mais ou menos, de tribuno, de tribunal de júri. Eu acho que a entrevista tem que ser franca, tem que ser uma conversa respeitosa e tem que ser sempre pensando no interesse da coletividade, e não pensando no sucesso pessoal. O jornalista acaba distorcendo o seu papel quando quer aparecer mais do que o entrevistado.

O escritor Guimarães Rosa dizia que nunca dava entrevista. Para ele, o que deveria existir eram conversas, pois nas entrevistas o repórter vai com perguntas prontas, esperando certas respostas; e o entrevistado dá respostas prontas para perguntas preestabelecidas. O sr. também vê a entrevista mais como uma conversa?

Não há a menor dúvida. Evidentemente que há situações em que você pode conduzir a entrevista para um tom descontraído, que se transforme numa conversa. Não deixa de ser um diálogo. Essa conquista nós devemos aos gregos. Foram os gregos – Platão, Sócrates e Aristóteles – que nos deixaram essa herança: a troca de idéias. Antes deles, ninguém sabia o que era o diálogo. O homem vivia de monólogos. A entrevista é uma forma dialogada de desfilar idéias. O jornalista, de um modo geral, se prepara pouco para esse desfile. A entrevista, por ser baseada no diálogo, encerra sempre uma reflexão. Envolve mais pensamento. Por isso, nunca é conveniente que você entregue uma entrevista de peso a um jovem repórter, a um iniciante. Porque ele vai levar uma desvantagem muito grande, na suposição de que o entrevistado seja uma pessoa madura. O outro é mais vivido e sabe mais do que o jovem. Então, o jovem pode representar um papel muito interessante para essas entrevistas de ocasião, mas nunca para as longas entrevistas, mais profundas, que levem à reflexão. A menos que seja um jovem excepcionalmente

dotado e que tenha tido uma boa formação. A entrevista é um gênero muito difícil.

Quais as diferenças entre as entrevistas de rádio, televisão e jornal?

As entrevistas de jornal são muito diferentes. Nas entrevistas de jornal o repórter fica ao sabor do entrevistado ou o entrevistado ao sabor do repórter. Nessas situações, o jornalista não tem a pressão do tempo. Na televisão e no rádio, que são veículos muito mais vertiginosos, muito mais trepidantes, você tem essa brutal tensão do tempo. Do tempo cronológico, que é o tempo que você vai dedicar à entrevista, e do tempo psicológico, que é o tempo que leva cada resposta. Sempre é bom saber como se expressa o entrevistado, porque, às vezes, ele não se expressa bem: é monocórdio, lento ou não pontua as frases. Se o jornalista entrevistar alguém, ao vivo, que carrega um desses problemas, será insuportável. Se a entrevista for gravada, dará um trabalho enorme para os editores. Eles, então, vão amaldiçoá-la porque ela carrega dificuldades enormes do ponto de vista técnico. Por isso, o repórter precisa ter uma noção de *timing* na entrevista, de tal maneira que não fique interrompendo permanentemente o entrevistado, mas também não deixe que ele saia falando, falando, falando.

Qual foi a sua melhor entrevista?

Ah, eu não tenho...

Nenhuma?

O Geisel, em 1954, era o presidente da Petrobrás e deu uma entrevista coletiva sobre a política de petróleo. No dia da entrevista tinha saído no jornal a notícia de que a Aeronáutica denunciava a presença de discos voadores no território brasileiro, e o Geisel também era membro de uma entidade militar, de um Conselho de Segurança Nacional, não sei se se chamava assim. Eu estava na entrevista e a minha pergunta foi a seguinte: “general, eu não vou perguntar sobre petróleo, mas, queria saber sobre a presença de discos voadores no território brasileiro”. Aí o assessor do Geisel disse: “o senhor não tem direito de fazer essa pergunta”. O Geisel, porém, com muito humor, voltou-se para mim e respondeu: “Olha aqui, eu te confesso que esse negócio de discos voadores tem me preocupado, mas como eles ainda estão lá em cima, são assuntos da Aeronáutica. Eu sou do Exército e vou esperar que eles desçam. Quando eles descerem, passam a ser assunto do Exército, e aí eu vou me preocupar”. Ele acabou me dando uma resposta bem-humorada que foi para a primeira página do jornal. Dadas as circunstâncias da entrevista, ele não estava sob pressão, ninguém o estava acusando de nada e,

portanto, ele estava muito à vontade para responder. O Geisel ia fazer apenas uma prestação de contas do que era a política do governo Café Filho em matéria de Petrobrás. Então, eu tive uma idéia feliz no momento. Acabei desviando do assunto, tirando o meu entrevistado do assunto principal para o qual tinha sido convocada a entrevista, e fiz uma pergunta de extrema atualidade. Foi uma pergunta num tom bem-humorado, sem agredir ninguém.

E uma entrevista em que se deu mal, durante a qual fez uma pergunta inconveniente?

Em 1965, fui convocado para uma entrevista com o Juracy Magalhães, que era ministro da Justiça do governo Castelo Branco. Ele convocou todos os diretores de jornais e de televisão para comunicar a edição do Ato Institucional Número II. E eu fui como representante da TV Rio. Na entrevista, ele fez um apelo aos diretores de jornal e de televisão para demitirem dos seus quadros profissionais os jornalistas tidos como comunistas. E eu me lembro que fiz uma pergunta ao Juracy Magalhães: “quem iria declarar que os profissionais eram comunistas?”. Esse problema me parecia uma questão de foro íntimo e uma questão da direção das redações. Não era um problema do governo. Se o governo fosse declarar quais jornalistas eram comunistas, o governo que provasse também que eles eram comunistas. Mas este não era o nosso papel. Eviden-

temente que ele não gostou da pergunta. Houve ainda duas ou três manifestações. O Roberto Marinho também disse que, se houvesse comunistas na redação do Globo, ele era responsável pelos comunistas. O Júlio Mesquita, do Estadão, também repeliu aquela interferência do governo na política interna de sua empresa. Evidentemente que aí eu fiquei respaldado por dois proprietários de jornal, e, se o Juracy Magalhães mandasse me prender, teria que prender também o Roberto Marinho e o Júlio Mesquita.

Como contornar as situações difíceis? Como continuar uma entrevista em que o entrevistador recebe um "troco" em vez de uma resposta?

Existe uma virtude fundamental que o jornalista tem que ter: é a acuidade. O repórter tem que estar ligado na entrevista de tal maneira que possa perceber quando o entrevistado fugiu da pergunta. Tem que estar atento para saber quando o entrevistado não deu uma resposta objetiva. Isso acontece muito com o Maluf. Você pergunta a ele: "o senhor é candidato à presidência da República em 1998?". Ele responde: "no momento eu estou estudando o meu projeto político, os meus companheiros estão se reunindo...". Os políticos, geralmente, costumam dizer: "eu não raciocínio sobre hipótese". Eles não respondem objetivamente sim ou não. Evidentemente que você terá bastante argúcia para voltar ao tema e

refazer a pergunta de outra maneira. Haverá sempre um modo mais hábil de você colocar a questão de modo que leve o entrevistado a responder a tua pergunta. O jornalista, para isso, terá de usar todos os recursos da retórica: um pouco de humor aqui, um silêncio ali, um pouco de charme acolá. Eu acho que a entrevista é para o jornalista um exercício de convivência. É preciso saber conviver para fazer uma boa entrevista.

Muitos profissionais criticam as entrevistas esportivas por serem as mesmas perguntas e as mesmas respostas. Como fazer uma entrevista diferenciada no esporte?

Antes de mais nada, essas entrevistas se enquadram naquilo que nós já definimos como entrevistas de ocasião. São entrevistas ocasionais em que o repórter não tem muito tempo para pensar nas perguntas e o entrevistado também não tem muito tempo para pensar nas respostas. Então, evidentemente, isso limita muito o arsenal de perguntas e de respostas. Precisamos considerar vários aspectos no caso específico das entrevistas esportivas feitas em campos de futebol ou em vestiários. A instantaneidade da entrevista, por exemplo, é um fator que retira o peso natural que ela poderia ter. Segundo lugar, o entrevistado, o jogador de futebol, é, de um modo geral, uma pessoa limitada. Limitada do ponto de vista da expressão verbal, pois ele não fala bem. Ele não sabe se expressar direito porque é de uma origem humilde. Não frequentou a escola. Na

hora do colégio, ele estava jogando pelada. Se o repórter chegar com uma pergunta um pouco mais elaborada para um rapaz assim, vai deixá-lo numa situação difícil. Então, qual é a coisa mais fácil que tem? Se é só ouvir a voz dele, o jornalista chega lá e pergunta: “o que você achou do jogo?”. Não pode ser de outra maneira. Você terá, então, um gênero mais pausado de entrevista – uma longa entrevista – na casa do jogador de futebol, do atleta de um modo geral, ou no estúdio. Mas, mesmo assim, você vai extrair pouco dele. São pessoas que não estão preparadas para o exercício da palavra. Eles não são políticos, jornalistas ou intelectuais. Eles são atletas. Então raramente você vai extrair para o rádio e para a televisão uma boa entrevista. Já para o jornal, você pode maquiagem a resposta. Se ela vem pontuada de erros de português, você conserta na redação. Se o redator não melhora o conteúdo – e nem pode melhorar –, pelo menos melhora a forma.

De um modo geral, qual é o papel da longa entrevista?

A grande entrevista tem que dar oportunidade ao público de ter contato com pessoas de relevo, que sejam capazes de fazer o telespectador ou o leitor pensar. Refletir sobre as idéias, sobre conceitos. Uma longa entrevista é sempre um desfile de idéias, de pensamentos e de conceitos. Então, isso enrique-

ce demais a convivência. É fundamental para qualquer sociedade.

O senhor acha que o jornalismo atual cumpre esse papel?

Perfeitamente. Você tem em todas as televisões e em todos os jornais longas entrevistas. Toda semana o leitor encontra uma personalidade dando uma grande entrevista num jornal brasileiro. E não só o leitor: toda semana tem entrevistas no rádio e, sobretudo, na televisão. Você tem vários programas de *talk show*, de entrevistas. Eu mesmo tenho um programa com uma entrevista semanal. Sempre convidado uma personalidade ligada ao esporte e que seja capaz de pensar sobre um assunto para conversar comigo. Citei um caso, o meu programa, mas você tem aí tantos outros: o Jô Soares, a Marília Gabriela, o Entrevista Coletiva. Enfim, há muitos espaços para as pessoas desfilarem suas idéias.

Quais conselhos daria aos futuros repórteres que farão entrevistas mundo afora?

Não só para os que vão fazer entrevista. Existe uma definição um pouco jocosa de que o jornalista é um especialista em idéias gerais. Ou seja, sabe tudo e não sabe nada. Porém, o jornalismo vem tendendo há algum tempo para a especialização. Existe o jornalista que é especializado em economia, outro que é especia-

lizado em política, um terceiro especializado em esporte. Eu acho que o universo de conhecimento para o jornalista se ampliou de tal maneira que não é possível continuar sendo muito bem informado sobre tudo. Hoje é difícil encontrar um repórter geral, como se dizia. Fulano é um repórter da geral, ou seja, da reportagem geral: ele cobre qualquer coisa. É muito difícil, com o bombardeio diário de informação – essa coisa vertiginosa que é a caudal de informação –, formar um repórter geral. A melhor coisa que as televisões e os jornais têm feito é especializar o repórter. As empresas estão especializando o profissional em determinada vertente, em determinado segmento do conhecimento. Porém, a especialização não desobriga o jornalista de estar com uma antena ligada em tudo. Por exemplo, o repórter que cobre saúde, dificilmente fará uma boa reportagem se não estiver bem-informado sobre outros assuntos, como economia, sociologia, psicologia entre outras áreas do conhecimento. O jornalista tem que ter sempre umas tintas do que está acontecendo em todos os ramos, e não ficar de antolhos cobrindo determinado setor. Para enriquecer a tua cobertura, você precisará, de quando em quando, fazer digressões que levem o telespectador, o ouvinte ou o leitor, a fazer uma rápida viagem: pegar um atalho e surgir mais adiante em uma outra ciência. Você não pode cobrir esporte, por exemplo, sem conhecer a realidade do teu país; sem ter umas tintas de psicologia;

sem conhecimentos de traumatologia. Você está lidando, por exemplo, com um tipo de atividade em que o atleta sai toda hora machucado. Um dia você vai ouvir um médico e ele te diz que o jogador teve uma distensão muscular, mas, por falta de tempo, o doutor não explicou ao público o que é isso. Então, convém que você saiba o que é uma distensão muscular para acrescentar essa informação, enriquecer a tua cobertura e fazer uma matéria diferenciada.



Dicas de uma boa entrevista para televisão, segundo Armando Nogueira

- 1) Entre no estúdio seguro de que domina o assunto. É a melhor maneira de você conquistar o respeito do entrevistado e do telespectador.
- 2) Prepare suas perguntas com antecedência.
- 3) Preste atenção às respostas para poder encaixar desdobramentos da fala do entrevistado.
- 4) Se quiser interromper o entrevistado, espere uma pausa respiratória na fala dele. Nunca atropele o entrevistado.
- 5) Não se deixe intimidar pela fama ou pelo poder do entrevistado. Sua arma é a altivez: nem subserviência, nem hostilidade.

6) Insista, persista na pergunta quando o entrevistado tentar escapar com subterfúgios; sem, contudo, perder a linha.

7) Não deixe que o entrevistado se desvie do tema em questão.

8) Dê ao entrevistado – e a você mesmo – tempo para pensar. Sem perder de vista que o tempo cronológico na TV vale menos que o tempo psicológico.

9) Tenha sob controle sua expressão fisionômica. Levantar a sobrancelha, balançar a cabeça afirmativamente ou negativamente podem ser entendidos, pelo público, como opinião, ou comentário. E, mais que isso, pode parecer que você está endossando ou divergindo do entrevistado.

10) Não esqueça que sua função é perguntar e não debater.

11) Evite pôr na boca da pessoa entrevistada palavras tipo: “me parece que o que o senhor está querendo dizer é...”. Chama-se a isso interpelar, e o seu papel não é de intérprete.

12) Sempre que possível, diga em voz alta o nome completo da pessoa que você está entrevistando – nome e título profissional. Você está sob pressão e é natural que lhe escape esse cuidado.

13) Fique atento às mensagens do controle-mestre (use ponto eletrônico para ouvir as instruções técnicas dos bastidores).

14) Não perca o pulso da entrevista. É importante chegar ao final na mesma cadência com que começou o programa. Estourar o tempo dá idéia de improvisação e tumulto que só afeta a naturalidade do programa. É terrível cortar a entrevista, abruptamente, com o chavão: "Desculpe mas o tempo está esgotado". Procure dar ao telespectador a sensação de que o que se esgota é o assunto, não o tempo.

15) Lembre-se de que você está representando o público. Não desperdice o privilégio de fazer as perguntas que a audiência gostaria de fazer ao entrevistado.

16) Não exclua o telespectador da entrevista. Sempre que for oportuno, volte-se para ele, público, e o introduza no clima da entrevista. Basta um olhar frontal, de vez em quando, para que o telespectador se sinta integrado à conversa.

17) Não pule para outra pergunta só porque o entrevistado hesitou na resposta. Conceda-lhe um tempo para que ele retome o fio da meada.

18) Não sublinhe a resposta do entrevistado com palavras, tais como "sim, compreendo", nem com murmúrios ou gestos de mão, corpo ou de cabeça. São cacoetes prejudiciais à pureza com que deve ser transmitida a mensagem.

19) Não fale ao mesmo tempo que o entrevistado. A superposição de vozes atordoia o telespectador.

20) Não perca a serenidade diante de uma exaltação ou de uma provocação do seu interlocutor.

21) Evite muita intimidade com o entrevistado. O gênero requer um mínimo de distanciamento. Mas não precisa ser frio, nem áspero.

22) Trate o entrevistado com cortesia, antes, durante e depois da entrevista. Ele é seu convidado. E tem mais: entrevista não é curra, nem linchamento. Lembre-se de que o entrevistado é um estranho no ninho: o estúdio, com toda a sua parafernália, é um fator de intimidação. Trate de deixá-lo o mais à vontade possível. A entrevista certamente renderá muito mais.

dos direitos humanos, e de combate às grandes mazelas sociais. Parcialidade não seria a palavra apropriada para suas atitudes, mas objetividade, determinação de conseguir a boa matéria. Ganhador do Prêmio Sincro Bolívar de Jornalismo de 96, pelas matérias Escravos do sexo e Miséria sem fronteiras, do Prêmio Criança, concedido pela Fundação Abrinq, e do Prêmio União Católica Internacional de Imprensa, ambos em 92, além de Menção Honrosa do Prêmio Wladimir Herzog, em 1977, com a reportagem "O trabalho empobrece o homem". Nascimento já circula pelos grandes jornais de imprensa paulista e carioca. Entre outros veículos, já trabalhou na Folha de S. Paulo, O Estado de S. Paulo, O Globo, Jornal do Brasil e TV Gazeta. Começou a carreira em um seminário de Mogi das Cruzes, mas aos 17 anos mudou coisa aconteceu. Há três anos na revista semanal IstoÉ, como subeditor da edição Brasil e um dos entrevistadores das "páginas vermelhas" - entrevistas ping-pong que abre a revista -, ele conta como fazer uma boa entrevista, como

ALBERTO DINES

por Edson Poletto Porto

Com voz mansa e tranqüila, Alberto Dines vai desafiando suas ácidas críticas à imprensa e ao jornalista brasileiros com profunda segurança. Ele parece certo do que diz e tem autoridade para isso. Dines possui uma longa história dentro da imprensa do país. Dirigiu por doze anos uma das publicações nacionais mais importantes, o Jornal do Brasil, nos seus tempos áureos. Deixou o cargo em meados da década de 70. Passou por muitos outros órgãos, como a Folha de S. Paulo, o Pasquim e a revista Imprensa. Foi um dos pioneiros na crítica e na denúncia das mazelas e dos problemas da mídia brasileira. Também escreveu livros de grande fôlego, como o Baú de Abravanel, sobre a história do apresentador de TV e empresário da mídia Silvio Santos. Morou sete anos em Portugal e, há cerca de dois, voltou. Voltou, aliás, apontando novamente os problemas e os defeitos da imprensa tupiniquim, mas também indicando caminhos e saídas. Cercado de livros, em seu escritório em São Paulo, foi exatamente isso que Dines fez nesta entrevista, cujo tema é justamente a entrevista.

Entrevistar é uma arte?

Não, entrevistar não é uma arte, é um movimento de querer saber. Se você não quer saber, você não vai fazer nenhuma entrevista. É claro que, a partir daí, você pode caracterizar isso como uma arte e pode até estabelecer alguns princípios metodológicos e achar que até seja uma ciência. Mas o fundamental é querer saber, ter curiosidade. Quando se tem curiosidade, faz-se uma boa entrevista. Mesmo quando você não saiba nada sobre o assunto de que está tratando, porque você chega lá e simplesmente pergunta. Esse é o conceito ontológico para definir o que é a entrevista.

Mas na sua opinião ela é arte, é ciência?

Isso não tem importância. Essas definições são tão aleatórias que não me preocupam. O que me preocupa é conceituar que, se o jornalista (e aqui estamos falando de jornalista) não tem curiosidade de saber e não está motivado a querer saber, ele não saberá fazer uma boa entrevista, por mais que ele tenha escrito as melhores perguntas feitas pelas chefias. Porque aí ele vai perder a chance de contra-perguntar a partir de uma determinada resposta do entrevistado.

Existe uma técnica por trás disso?

Existe, sendo a principal o desenvolvimento da curiosidade. Você elabora a sua curiosidade. Pode

elaborá-la antes ou pode elaborá-la durante a entrevista. Quanto mais você se prepara para uma entrevista, evidentemente, mais curiosidade você vai ter. Se você começa a descobrir as coisas antes de estar com o entrevistado, quando for falar com ele terá uma gama de aspectos mais ampla para tratar. Daí que a recomendação básica é se preparar para poder aumentar a curiosidade. Esse é o fundamento técnico mais importante. A partir daí existem outros. Tentar estabelecer uma empatia. Essa empatia só pode surgir a partir do momento em o outro percebe, reconhece, que você realmente tem curiosidade. Se você já vai à entrevista com a sua opinião formada, é claro que o outro se fecha. Ele não vai responder, vai debater. E isso já é outra coisa: é debate. O jornalista brasileiro quer debater. A gente tem visto isso no "Roda Viva": exemplos clássicos de jornalistas que não querem perguntar, querem debater. O jornalista tem que perguntar. Isso ainda precisa ser colocado aqui. Em outros países isso já está aceito, mas no Brasil temos que ressaltar essas coisas fundamentais e óbvias.

Como se formula essa curiosidade?

Previamente, se você tem tempo para se preparar para um assunto, ou na hora, se, de repente, você for jogado em um assunto e tem que responder às interrogações que faz para você mesmo.

Qual é a função da entrevista?

É, a busca da verdade. E, a partir de Platão e Sócrates, você tem isso feito a dois, é o processo maiêutico. É o processo do parto maiêutico, a verdade vai saindo um pouco como um parto. E isso é feito a dois ou em mais pessoas. Aí está toda aquela filosofia do diálogo, do colóquio, que eles desenvolveram. Quer dizer, é uma coisa feita a dois: você busca a verdade não sozinho, porque se for sozinho pode se perder, mas a dois, porque, trocando sempre as informações, você tem a capacidade de chegar a uma verdade menos precária. A verdade não existe, o que existe é a sua busca. E essa busca se faz perguntando, fazendo o diálogo. A partir desse conceito, você estabelece metas, métodos, mas tem que considerar que, sem o outro, você não vai fazer nada. Sem o outro é a sua opinião, é a sua porção de verdade; mas a busca da verdade é feita de várias porções. E, se você quer a colaboração do outro, você tem que agarrá-lo, tem que trazê-lo para você, tem que mostrar que está querendo saber.

E isso é feito de forma singular em cada entrevista?

Não conheço nenhum trabalho específico sobre as técnicas para se conseguir esse envolvimento. Isso varia muito, cada caso é um caso, com suas dificuldades. O que se desenvolve é um repertório de ações para enfrentar cada uma das situações. Mas,

volto a afirmar, o fundamental é querer saber, e que isso fique tão patente que o outro queira colaborar com você.

Como o senhor já disse, isso não está acontecendo muito com os nossos entrevistadores.

Não, não está acontecendo quase nunca.

Nem na imprensa escrita?

Muito menos. Os jornalistas já vão com preconceitos. Aí temos que ir para a questão do preconceito, do conceito prévio. Você já tem um juízo antes de averiguar o fundamento desse juízo. Aí você vai falar com o sujeito, e ele percebe isso e se fecha.

Mas temos alguns espaços clássicos de entrevistas, como o das "páginas amarelas" da Veja.

Nessa, em geral, e eu ia apontar isso, por causa do formato, há sempre uma vontade de saber. Há um espaço delimitado, há um gênero já marcado, em que você procura tirar do entrevistado todas as suas idéias e impressões, opiniões a respeito de um assunto. Então, a vontade de saber aí é muito clara e tem que ser assim, porque, se o jornalista for debater, não sai uma "páginas amarelas", sai uma série de desaforos. Esse é um espaço que eu considero clássico da entrevista do Brasil, porque ou o jornalista quer saber ou ele não vai ter uma entrevista. Agora, em

alguns programas de entrevistas, fazem-se perguntas para encostar na parede. Por quê? Ao querer saber, você também pode estar empurrando o sujeito contra a parede, porque se você não tem preconceitos, o entrevistado vai sentir e vai tentar dar a sua versão. O problema acontece indistintamente na televisão, no rádio... Claro que há repórteres mais experimentados, uns mais preconceituosos, outros menos preconceituosos. Mas de uma forma geral a arte da entrevista, como se tem chamado, é muito mal praticada no Brasil.

E com relação aos interesses que estão envolvidos na entrevista. Do jornalista, de um lado, que quer a entrevista, e do entrevistado que quer contar apenas o que lhe interessa.

Sim, o entrevistado quer divulgar a sua mensagem. Mas é a mesma coisa: tem que estabelecer um mínimo de empatia. O que acontece, não é o seu caso, mas – embora você já tenha vindo com algumas perguntas armadas – é que não é a pergunta armada que deve estar presente, é a curiosidade. Ela não tem nada a ver com a formulação das perguntas. Você já veio me perguntando se a entrevista era uma arte. Você insistiu nisso, que, para mim, é inteiramente secundário. Agora, você não perguntou: escuta, o que é uma entrevista? Se você perguntasse, aí estabelecia o caminho para eu dizer umas coisas, você ouvir minhas respostas e, em função das minhas respostas, fazer outras per-

guntas, e assim por diante. Eu estou cansado de ver entrevistas, como uma a que assisti na televisão, em que a repórter, no caso, não parava para ouvir a resposta, porque ela estava com a pergunta seguinte já engatilhada. Mas as respostas que o entrevistado deu teriam gerado perguntas muito mais interessantes do que aquelas que ela tinha preparado. É uma insegurança brutal, você fica tão inseguro que não sabe o que vai perguntar, que não percebe que naquela resposta estava embutida uma pergunta que você tinha a obrigação de fazer.

Agora, não há uma preocupação do jornalista com um terceiro, que não participa do diálogo, o telespectador, o leitor, o ouvinte, em não tornar o diálogo hermético?

Não, porque, se ele tiver realmente curiosidade, estará representando a curiosidade do leitor. Na verdade, o repórter é o representante do leitor. O que você está fazendo aqui? Está representando a curiosidade de algum leitor seu. Então se souber buscar a curiosidade mesmo, a curiosidade fulcral, fazendo as perguntas que são importantes, estará interessando ao leitor. Também o que tem acontecido muito é que o repórter já sai não apenas com a pergunta, mas sai às vezes com a resposta que o chefe gostaria que ele obtivesse. Isso elimina todo o processo de curiosidade.

Mas o jornalista não corre o risco de contentar apenas a si mesmo?

Não, porque, se ele tem uma curiosidade, volto a usar a palavra, fulcral, verdadeira mesmo, ele está representando o interesse da pessoa. Mas, é claro, se começa a entrar em um nível de perguntas que são muito remotas, muito distantes, não serve ao leitor.

Estamos pressupondo que as entrevistas têm a mesma essência?

Sim, a função é saber ou construir o saber.

Mas não há entrevistas com objetivos diferentes, uma que quer revelar o personagem, outras que pretendem descobrir uma determinada informação sobre um tema?

Se você quer saber alguma coisa de uma pessoa, tem que ir puxando. É como aquela história da rede: você vai puxando... agora, se puxar depressa demais, o peixe, às vezes, escapa. Ou, se puxar muito devagar, o peixe pode morrer preso à rede. Essa é uma metáfora que é válida. O jornalista tem que saber buscar isso. Se está no ar, na televisão ao vivo, claro que tem que ter uma experiência maior, mas, de qualquer forma, em nenhuma circunstância, muda o fundamental. Se você não quer saber, não há como o entrevistado te dar as informações arranca-

das dele próprio, ele te dá a informação convencional, formal, não há vibração. O ponto da questão toda é que o jornalista brasileiro não tem curiosidade. Ele já sabe tudo. Às vezes mais do que o próprio entrevistado e, graças a isso, não estabelece uma empatia. E também não sabe segurar isso, se o consegue, porque se ele fica olhando, prestando muita atenção na resposta, terá muitas perguntas armadas. É claro que se ele está preparado fica mais fácil. Mas o que acontece na imprensa brasileira em geral? Não há tempo de preparação.

Mas há bons entrevistadores?

Na minha opinião quem sabe perguntar melhor na imprensa brasileira é o Jô Soares, porque ele não é jornalista e é um rapaz refinado, culto, com muita curiosidade, justamente porque ele já tem uma base para isso. Ele sabe fazer aquelas perguntas que agradam ao telespectador, porque ele mesmo quer saber. O Jô não está ali olhando o taxímetro para ganhar um salário no final do mês. Para mim ele é um dos grandes entrevistadores que nós temos. Eu já fui entrevistado por ele várias vezes e assisto ao programa, às vezes, e percebo isso. Além disso, conheço ele há muitos anos. Ele está ali querendo saber.

O que está matando essa sede de saber?

Tudo isso que eu estou falando se coloca dentro de uma disciplina chamada humanismo. Você percebe que está tratando com homem e não com máquina. A partir do momento em que o jornalismo volte a ser uma atividade humanística e não tecnocrática, você vai reverter isso e vai mudar toda a sistemática das redações. As pessoas vão se preparar melhor, vão fazer menos coisas, porém melhor, não vão dar a importância exagerada ao furo, mas ao conteúdo do que é dado. Porque às vezes se dá a informação antes, mas se dá uma droga. É preferível dar depois e melhor. Claro: se der antes e melhor é muito bom, é óbvio. Mas esse é o conceito tecnocrático de fazer tudo curto, rápido e sem profundidade, só para sair na frente do outro. E a entrevista entra nisso. Quantas vezes o repórter não faz várias entrevistas por dia, muitas vezes sobre assuntos diferentes. Esse jornalismo não é contextualizado. E o jornalista não quer contextualizar.

Por quê?

Essa é uma questão muito longa e complexa, que não dá para falar rapidamente. Mas é que se criaram paradigmas, padrões de exigência, que levam a isso. Mas não é para ser assim e já não foi assim. Houve época em que o jornalista saía da redação para fazer uma matéria contextualizada.

Essa transformação foi mercadológica, tecnocrática, o negócio de mercado é da tecnocracia. A idéia é: temos que atender ao jovem que não tem tempo para ler e tal... pronto, vinte linhas. Olha, escrever vinte linhas não é mal, mas para saírem boas vinte linhas é preciso no mínimo se escrever quarenta. Agora ninguém disse para o jovem jornalista que ele tem que fazer isso. Dizem: "faça vinte linhas". E ele vai e faz as vinte linhas. E aí tem o manual de redação que é uma coisa emburrecedora, tecnocrática, que tira toda a criatividade, e assim você não faz o jornalismo contextualizado, nunca.

Mas como é possível mudar isso, do ponto de vista do jornalista que está começando?

É ele recusar participar desse jogo – qualquer jogo é feito, no mínimo, a dois. Ele tem que fazer direito, precisa dizer: "eu quero fazer direito, deixa eu pesquisar mais, deixa eu ouvir mais três pessoas...". É claro que ele não vai pedir demissão no primeiro dia, mas é preciso que crie condições para que ele se desenvolva como um jornalista consciente. Não precisa quebrar lanças nem lutar contra todos os moinhos de vento, mas é preciso fazer correto, para que ele fique tranqüilo em relação ao que está fazendo. Esse é um processo que começa na escola, se dá nas redações e é longo. Agora, o jornalista precisa acreditar nisso que

estou dizendo, porque senão é melhor seguir as che-
fias. Outro problema é que o próprio leitor hoje só
quer saber de grandes dramatizações: a coisa de
cortar o pênis. A coisa entrou numa paranóia de
excitação, de falsa dramatização, que hoje as pes-
soas já não querem mais saber o que está se passen-
do, querem apenas sensações.